

FILOSOFIA E PSICANÁLISE: SOBRE A INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICA DE FREUD REALIZADA POR RICOEUR

PHILOSOPHY AND PSYCHOANALYSIS: ON THE PHILOSOPHICAL INTERPRETATION OF FREUD ELABORATED BY RICOEUR

Weiny Cesar Freitas Pinto*

RESUMO

O artigo faz uma apresentação concisa da interpretação filosófica de Freud realizada por Paul Ricoeur (1913-2005). Inicialmente, contextualiza-se a relação entre Filosofia e Psicanálise; em seguida, demonstra-se como se dá a presença de Freud na obra de Ricoeur; e, por fim, discute-se a concepção ricoeuriana do “discurso misto” do freudismo, demonstrando, como essa tese leva Ricoeur a uma nova concepção de hermenêutica.

PALAVRAS-CHAVE: Paul Ricoeur; filosofia; psicanálise; interpretação filosófica

ABSTRACT

This article is a presentation concise philosophical interpretation of Freud held by Paul Ricoeur (1913-2005). Initially, contextualizes the relationship between philosophy and psychoanalysis, then it is shown how does the presence of Freud in the work of Ricoeur, and, finally, discusses the conception of Ricoeur about "mixed speech" of Freudianism, demonstrating, how this theory leads Ricoeur to a new conception of hermeneutics.

KEYWORDS: philosophy; psychoanalysis; philosophical interpretation

* Mestre em Filosofia; Professor do Curso de Filosofia da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Doutorando em Filosofia pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. E-mail: weiny.freitas@ufms.br

1. Introdução

[...] a questão é saber como o discurso misto de Freud se inscreve em uma filosofia que é deliberadamente reflexiva¹.

O século XX protagonizou o surgimento de novos campos filosóficos de pesquisa; entre os quais, a partir de uma interlocução cada vez mais aprofundada entre a Filosofia e a Psicanálise de Freud (1856-1939), foi se constituindo uma densa e consistente relação de estudos e debates acerca dos mais variados temas que envolvem as duas disciplinas; o resultado disso, objetivamente, foi a consolidação de um amplo, variado e fecundo campo de pesquisa filosófica denominado, ora por “Filosofia da Psicanálise”, ora por “Epistemologia da Psicanálise” ou, simplesmente, por “Filosofia e Psicanálise”. Embora a questão do nome que se dê a este novo campo de pesquisa não seja sem implicações, aceitemos aqui, a generalidade dos termos.

O fato é que, neste novo campo de pesquisa filosófica, vários filósofos, das mais variadas tradições e com as mais diversas intenções, empreenderam leituras e análises críticas dos textos e do pensamento freudiano em geral; dessas leituras e análises resultaram, conseqüentemente, uma já, longa, estabelecida e consistente “literatura filosófica” sobre Freud.

Paul Ricoeur (1913-2005), com o seu *De l'interprétation – essai sur Freud*, obra publicada em 1965, certamente, figura entre os principais autores desta “literatura filosófica” sobre o freudismo. A pretensão do filósofo francês, com o seu trabalho sobre a Psicanálise, foi realizar, nada menos que, uma interpretação filosófica de Freud.

Tamanha pretensão conduziu Ricoeur a uma leitura bastante minuciosa e aprofundada do pensamento freudiano; impressiona o nível de detalhamento e a enorme variedade de temas e problemas que essa leitura suscita. O presente artigo delimita-se à análise de um único desses temas: a tese ricoeuriana do “discurso misto” do freudismo.

Após uma rápida contextualização do campo de pesquisa “Filosofia e Psicanálise”, mostraremos como se dá a presença de Freud na obra do filósofo francês; e, em seguida, apresentaremos a tese ricoeuriana do “discurso misto” do freudismo. Ao final, teremos

¹ RICOEUR, P. *Da Interpretação – ensaio sobre Freud*, 1977, p. 343.

demonstrado a origem e a importância dessa tese na interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur; e, como a sua admissão levou o filósofo francês a uma nova concepção de hermenêutica.

2. Filosofia e Psicanálise

Em sentido geral, a tarefa de uma interpretação filosófica de Freud não é exclusividade de Ricoeur; a rigor, a interlocução entre Filosofia e Psicanálise pode mesmo ser compreendida como um diálogo desde o próprio Freud; e, cada vez mais comum entre Filósofos e Psicanalistas.

Do lado da Psicanálise, pode-se confirmar de modo mais sistemático essa afirmação, observando as obras, por exemplo, do próprio Freud, na qual já contém algumas referências diretas à Filosofia em geral; do psicanalista inglês Donald Winnicott (1896-1971), cuja obra, talvez se possa dizer, liga-se a uma especulação de ordem mais metafísica da Psicanálise a aproximando, sobretudo, do pensamento de Martin Heidegger (1889-1976); e, por fim, a obra do renomado psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981) que se volta diretamente ao debate com o racionalismo moderno e, em grande medida, aproxima a Psicanálise do que se poderia chamar de uma “filosofia da linguagem” com fortes entonações estruturalistas.

Do lado da Filosofia, por sua vez, essa relação parece ser bem mais evidente e cada vez mais atual. Os trabalhos de pesquisadores franceses como Dalbiez, Binswanger, Jean-Hippolyte, Laplanche, Viderman, Green, Assoun, Aulagnier, entre outros, confirmam, prontamente, esta assertiva.

E, nesse mesmo sentido, seria importante mencionar também que, no Brasil, são significativas as produções do “Grupo de Trabalho Filosofia e Psicanálise” da ANPOF (Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia).

Lembrar os nomes do saudoso Bento Prado Jr., juntamente com os de Hilton Japiassú, Osmyr Faria Gabbi Jr., Luiz Roberto Monzani, Ernildo Stein, Zeljko Loparic, Joel Birman, Renato Mezan, Vincenzo Di Matteo, Richard Simanke, Vladimir Safatle, entre outros; e, também dos psicanalistas e pesquisadores: Fábio Hermann, Luiz Alfredo Garcia-

Rosa, Jurandir Freire Costa, outros; é, sem dúvida, fazer justiça ao enorme empenho e contribuição do pensamento brasileiro a esta interlocução entre Filosofia e Psicanálise.

Todavia, embora com muita frequência, sejam reconhecidas semelhanças imediatas do pensamento freudiano com as filosofias de Schopenhauer (1788-1860) e Nietzsche (1844-1900), por exemplo; o próprio Freud, em alguns pontos de sua obra, faz certa referência; o fato é que, como adverte Mezan (1989), a relação de Freud com a Filosofia é profundamente ambígua: enquanto de um lado ele a ridicularizava – “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926) –; de outro, confessava a realização de seu desejo em se tornar um Filósofo com a criação da Psicanálise – “Carta 44 à Fliess, 2/4/1896”.

Com efeito, mesmo esta “ambiguidade” de Freud em relação à Filosofia, não impediu que o pensamento filosófico em geral se voltasse à Psicanálise permanentemente:

[...] cada vez mais se pode ver o pensamento filosófico inquirir os textos de Freud [...] As correntes mais diversas os abordam e os tematizam: vemos o marxismo, de Reich em diante, procurar neles um complemento ou adversário; vemos os fenomenólogos, de Sartre a Ricoeur, empenharem-se no debate com o inconsciente; vemos os lógicos positivistas, com Nagel, fazerem o processo da Psicanálise como aberração da ciência; vemos os estruturalistas, inspirados em Lévi-Strauss, a procurarem em Freud um ponto de referência para sua crítica das filosofias da consciência. (MEZAN, 1989, p. XIV).

Notar que a descrição de Mezan faz referência, basicamente, a todos os grandes Filósofos do século XX. Além dos nomes citados, pode-se, seguramente, mencionar ainda os de Gaston Bachelard (1884-1962), Karl Popper (1902-1994), Louis Althusser (1918-1990), a Escola de Frankfurt (1920) – em especial atenção à obra de Herbert Marcuse (1898-1979), o seu, já clássico: “Eros e Civilização” (1955) –, Gilles Deleuze (1925-1995), Michel Foucault (1926-1984), enfim.

Todos esses Filósofos, em perspectivas diversas, com objetivos distintos, em algum ponto de suas obras, ora com crítica, ora com reconhecimento, tomaram Freud e a sua Psicanálise como seus interlocutores.

Desse modo, parece bastante difícil contestar a evidência de que toda a Filosofia do século XX desenvolveu com a Psicanálise de Freud uma verdadeira história de interlocução. Definitivamente, não é fácil negar que o arcabouço teórico do freudismo alcança um vasto e profundo diálogo temático com toda a problemática filosófica em geral.

E, nesse sentido, parece mesmo ser preciso concordar com a tese de Mezan segundo a qual: “[...] a provocação freudiana se estende a todos os domínios tradicionalmente sobrevoados pelo pássaro de Minerva. [...]” (MEZAN, 1989, p. XIV).

De fato, a teoria psicanalítica, supõe uma revisão geral das mais importantes proposições filosóficas. A epistemologia, a estética, a ética, a política, a moral, a ciência e a religião são, em certo sentido, instigadas a repensarem a objetividade de seus discursos ante a presença de alguns conceitos psicanalíticos, na medida em que as teorias freudianas da pulsão e do desejo, do inconsciente, da sexualidade e do narcisismo, do recalque e da sublimação, bem como, a sua concepção acerca do mal-estar na cultura e a sua interpretação crítica da religião, e de outros temas, confrontam diretamente o discurso geral da Filosofia.

Nesse aspecto, Mezan é categórico em sua conclusão:

[...] As temáticas da Finitude, do Desejo, da Lei, da Autoridade, da Linguagem, do Trabalho, da Morte [...] pesam como signos abertos sobre a modernidade [...] E o olhar severo de Freud paira sobre todos nós [...] (MEZAN, 1989, p. 15).

A essa altura, parece que já temos razões suficientes para concluir que a interlocução entre Filosofia e Psicanálise encontra-se, já, definitivamente consolidada: se de um lado, uma variedade enorme de conceitos filosóficos foi e é questionada pela Psicanálise; de outro, vários conceitos psicanalíticos também foram e são submetidos, com frequência, à ferrenha interpelação filosófica.

Paul Ricoeur, talvez como poucos, soube acolher e enfrentar o questionamento radical advindo da Psicanálise à Filosofia; e, igualmente, como poucos, talvez, soube julgar com a devida honestidade filosófica, não só os limites, mas também, os alcances da contribuição freudiana.

3. Sobre a interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur

O que, exatamente, Ricoeur, reconhecido filósofo da tradição racionalista, assumidamente influenciado pela Fenomenologia, formado a partir dos “renovados estudos de Hegel” na França, envolvido com as pesquisas de tendências linguísticas e grande expoente teórico da Hermenêutica filosófica contemporânea buscaria na Psicanálise de Freud? Que interesse filosófico a Psicanálise teria despertado em Ricoeur a ponto de fazê-lo dedicar entre cinco e seis anos de trabalho, especificamente, à pesquisa da obra freudiana? Qual o estatuto da interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur? Quais as repercussões do trabalho ricoeuriano sobre o freudismo?

Qualquer uma dessas indagações, sozinha, já bastaria, justificadamente, para apoiar a análise do tema que propomos: “sobre a interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur”; antes, porém, elas indicam prementemente à necessidade de situar a presença efetiva de Freud na vasta e diversificada produção filosófica ricoeuriana.

Embora a bibliografia de Ricoeur ainda seja tema de debates calorosos entre os estudiosos de sua Filosofia; seus comentadores e críticos empenham-se em estabelecer uma divisão cada vez mais detalhada e precisa para a obra do filósofo.

Nesse sentido, ao menos em linhas gerais, poderíamos dividir a obra ricoeuriana em três grandes momentos: o primeiro, que trataria da afirmação de uma “Filosofia da vontade”, momento compreendido por toda a publicação de Ricoeur no período de 1950 a 1960; o segundo, que se reservaria à elaboração das linhas mestras de uma “Hermenêutica filosófica” dominada pelo tema do “conflito das interpretações” e da “suspeita”, compreendendo as publicações do período que vai de 1960 a 1975; e, por último, o terceiro momento, que compreenderia a publicação ricoeuriana que segue de 1975 a 1990, quando da publicação de seu último grande livro: *Soi-même comme un autre*. Esta última fase, incluindo publicações posteriores, se concentraria fortemente nas temáticas da identidade pessoal e da memória histórica.

Mas, afinal, diante desse imenso e diverso universo teórico que constitui a referência bibliográfica ricoeuriana, onde encontramos Freud e a sua Psicanálise? Como se dá a presença de Freud em Ricoeur?

Em termos bem precisos, o pensamento de Ricoeur toma Freud e a sua Psicanálise de forma detida como seus interlocutores na primeira metade do segundo momento que divide a obra ricoeuriana; é, então, sobretudo em 1965 com a publicação de seu *De l'interprétation – essai sur Freud*, e ainda, em 1969 com a publicação de seu *Le conflit des interprétations – essais d'herméneutique* que Freud aparece de maneira clara e inequívoca na obra de Ricoeur.

No entanto, não se deve pensar, a partir daí, que o *De l'interprétation* e o *Le conflit* encerram a presença freudiana na obra de Ricoeur; contra esse equívoco, bastaria citar aqui, que antes mesmo desses dois textos, ainda em 1950, em sua *Philosophie de la volonté – le volontaire et l'involontaire*, o filósofo já se deparava com a questão do “inconsciente” de Freud. E, além disso, há ainda uma série artigos, sobre o freudismo em geral, que Ricoeur publicou em anos posteriores a 1965²; sem nem mencionar aqui, os outros textos do filósofo nos quais o criador da Psicanálise recebe menção.

Portanto, o tema da presença de Freud na obra de Ricoeur deve ser ampliado, ele deve ser considerado, não somente, a partir das vezes em que o freudismo aparece sob a análise minuciosa do estudo e da crítica ricoeuriana, mas, também nos momentos em que a própria contribuição freudiana é levada adiante por Ricoeur para o interior mesmo de sua obra.

Sobre esse aspecto, embora de maneira demasiada longa, quando fala da presença de Freud na obra de Ricoeur, Busacchi é, particularmente, esclarecedor:

[...] Seria um erro pensar que, iniciada pela interpretação fenomenológica do inconsciente no contexto de uma ‘fenomenologia da vontade’ (*O voluntário e o involuntário*, 1950), ela atinge seu apogeu e se consuma a partir dos anos da virada hermenêutica, na década de 1960, com a obra capital *Da interpretação, ensaio sobre Freud* (1965), e ainda, de uma parte, com o *Conflito de interpretações, ensaios de hermenêutica* (1969) – aos quais teriam simplesmente dado continuidade alguns ensaios sobre epistemologia da psicanálise (de 1977 e 1978) e artigos de importância secundária. Se é verdade, por um lado, que a psicanálise não constituiu mais o objeto, após *Da interpretação*, de uma atenção tão intensa ou tão focalizada, permanece o fato de que a reflexão sobre a psicanálise marca toda a obra de Ricoeur, não somente porque a presença de Freud é praticamente ininterrupta – fosse com uma “intensidade” variável – ao longo de todo o percurso, mas sobretudo porque interessa a todos os níveis

² A propósito, em 2008, foi lançada na França a coletânea desses artigos sob o título: *Écrits et conférences 1 – autour de la psychanalyse*. Dois anos mais tarde, em 2010, chegou ao Brasil pelas edições Loyola a tradução portuguesa: *Escritos e conferências 1: em torno da psicanálise*. Todos os artigos que Ricoeur escreveu sobre Freud e a Psicanálise encontram-se reunidos nesta coletânea; daí, a sua importância.

especulativos de sua reflexão (metodológico, epistemológico, teórico, linguístico e hermenêutico, antropológico e filosófico, ontológico, moral e teológico...). Efetivamente, a “lição freudiana” estará sempre presente como um eixo de sua *reflexão* – ora a *acompanhando*, ora a *dirigindo* –, e isso até as mais tardias produções. [...] (BUSACCHI, 2010, p. 233, grifo do autor).

Se concordarmos com Busacchi, teremos que admitir, então, que a presença de Freud na obra de Ricoeur é muito mais que uma simples “passagem” teórico-metodológica que, na melhor das hipóteses, viria a se constituir, apenas, como uma determinada “fase” do filósofo; mais que isso, Busacchi faz ver que a obra ricoeuriana parece reservar um espaço de ordem mais fundamental a Freud, um espaço no qual a Psicanálise freudiana, embora encontre críticas, é amplamente acolhida, inclusive, em alguma medida, como constituinte mesmo dessa obra.

Objetivamente, mensurar o alcance e as implicações de uma presença tão marcante (Freud) em uma obra tão extensa (Ricoeur) não é tarefa fácil e cabível aqui. Nesse mesmo sentido, a rigor, pensar a interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur também não poderia sê-lo: a variedade de temas e problemas evocados por essa interpretação não seria, aqui, contornável.

Por isso, propomos aqui pensar a interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur, a partir, de um único tema: a concepção ricoeuriana do “discurso misto” do freudismo.

a. A tese do “discurso misto” do freudismo segundo Ricoeur

É, em *De l'interprétation - essai sur Freud* (1965), “[...] talvez, filosoficamente, o mais importante escrito sobre Freud [...]” (MONZANI, 1991, p. 121), que Ricoeur apresenta sua tese segundo a qual o discurso de Freud é concebido como sendo um “discurso misto”.

Dividido em três livros: “problemática” “analítica” e “dialética”, o *De l'interprétation* visa, no primeiro livro, situar Freud no contexto da problemática filosófica contemporânea; no segundo, analisar minuciosamente os textos freudianos; e, no terceiro,

por fim, consolidar o projeto ricoeuriano de uma interpretação filosófica de Freud, projeto que atravessa toda a obra.

Já no “prefácio”, Ricoeur faz duas advertências importantes: a primeira assinala que o livro se restringe a Freud, em assumido abandono de toda a literatura pós-freudiana; a segunda consiste na ênfase do autor em fazer ver que sua obra é um livro de Filosofia e não de Psicologia. Dirá o filósofo:

Antes de tudo, este livro versa sobre Freud, e não sobre a psicanálise. Quer isso dizer que lhe faltam duas coisas: a experiência analítica e o exame das escolas pós-freudianas. [...] tratei a obra de Freud como uma obra doravante concluída [...] Em seguida, este livro não é um livro de psicologia, mas de filosofia. O que me importa é a nova compreensão do homem introduzida por Freud. [...] (RICOEUR, 1977, p.11).

Com isso, Ricoeur quer deixar claros dois pontos específicos: 1) que seu trabalho é, exclusivamente, sobre Freud, mais precisamente, sobre a “teoria freudiana”; o que, em alguma medida, já aparece evidenciado no próprio título da obra; e, 2) que se trata, antes de tudo, de um trabalho rigorosamente filosófico; a questão fundamental aí é, antes de tudo, de ordem antropológica e não psicológica.

O principal problema de Ricoeur em relação a Freud se refere diretamente ao discurso freudiano: o filósofo quer saber qual a consistência do discurso proferido pela Psicanálise: “[...] *Meu problema é o da consistência do discurso freudiano.* [...]” (RICOEUR, 1977, p.12, grifo do autor).

Mais que isso, depois de identificar as razões e a natureza que sustentariam o discurso de Freud, Ricoeur estaria preocupado em saber como inserir o discurso freudiano num registro propriamente filosófico. Ora, por se tratar de uma interpretação que pretende-se, fundamentalmente, “filosófica” – e não psicológica –, a preocupação ricoeuriana fica, devidamente, justificada: “[...] passando a um nível propriamente filosófico, nos perguntaremos se uma filosofia da reflexão pode explicar conceitos realistas e naturalistas que, na teoria freudiana, regulam essa teoria *sui generis*. (RICOEUR, 1977, p.282).

Objetivamente, dirá Ricoeur: “[...] a questão é saber como o discurso misto de Freud se inscreve em uma filosofia que é deliberadamente reflexiva.” (RICOEUR, 1977, p.343).

O que temos aqui? De um lado, a identificação das razões que sustentam o discurso de Freud: a teoria freudiana é regulada por conceitos realistas e naturalistas; e, de outro, a identificação da natureza mesma desse discurso: um “discurso misto”. Para Ricoeur, toda a questão se resume, portanto, em saber como explicar, filosoficamente, as razões (realismo e naturalismo freudiano) e a natureza (mista) do discurso de Freud.

A fim de solucionar o problema, Ricoeur parte da hipótese de que o discurso freudiano, fundamentalmente, se desenvolve a partir de determinado “móvel filosófico” presente na metapsicologia de Freud.

A este “móvel filosófico” Ricoeur atribui a responsabilidade pelo descentramento – destomada – da consciência operado pela Psicanálise, bem como, coextensivamente, pela reapropriação – retomada – da consciência, agora, no nível de uma nova reinterpretação do sentido. Dirá o filósofo: “[...] Essa alternância de destomada e de retomada é o móvel filosófico de toda a metapsicologia. [...]” (RICOEUR, 1977, p.346).

Não é preciso muito esforço para perceber aqui que a natureza deste “movimento” concebido por Ricoeur no discurso freudiano é, claramente, dialética. O que, essencialmente, esse movimento faz é garantir a passagem do descentramento da consciência, a sua destomada, à reapropriação do sentido, a retomada da consciência em um nível imediatamente superior.

Nesse caso, em última análise, a tese de Ricoeur é que há uma dialética no discurso freudiano: o freudismo se desenvolve a partir de um discurso cujo procedimento é, essencialmente, dialético.

Essa tese reserva consequências decisivas para a interpretação filosófica de Freud levada a termo por Ricoeur. De nosso interesse específico, contentamo-nos com a análise da consequência mais imediata que dela decorre: é justamente a tese da dialética do discurso freudiano que levará Ricoeur a conceber o freudismo como um “discurso misto”.

Isso se dá, porque, o que está em questão nesse “procedimento dialético” do discurso freudiano é, justamente, a composição em único discurso, das duas ordens fundamentais do discurso de Freud: 1) a ordem da “descentramento da consciência”, baseada nos conceitos mais naturalistas da teoria psicanalítica: sua dimensão energética operada pelo regime da força; e, 2) a ordem da “reapropriação do sentido”, baseada na

teorização conceitual do freudismo: sua dimensão hermenêutica operada pelo regime do sentido.

Discurso energético, da força, de um lado, discurso hermenêutico, do sentido, de outro. A solução de Ricoeur: uma dialética que une essas duas ordens do discurso freudiano em uma única composição. Resultado: o discurso “misto” do freudismo.

Conclusão: o que no início é uma concepção dialética do discurso freudiano, no final, se transforma na tese, segundo a qual, o freudismo, todo ele, é, fundamentalmente, um “discurso misto”.

Talvez, a implicação mais determinante ao se admitir a tese do “discurso misto do freudismo” é que é essa tese que levará Ricoeur à enfática convicção de que a Psicanálise é, sim, uma hermenêutica, um discurso do sentido, uma “semântica do desejo e da cultura” como, de forma recorrente, insistirá o filósofo.

É, sobretudo, a partir dessa tese que Ricoeur concluirá, de forma tão radical: “[...] A Psicanálise não se interessa por um inconsciente incognoscível [...]” (RICOEUR, 1978, p. 91); ou seja, explica o filósofo (1978), ela existe senão, justamente, para fornecer “sentido” às manifestações do inconsciente; em último caso, é para trazer à consciência o “sentido” das pulsões, que a Psicanálise se constitui como um campo de conhecimento.

Para Ricoeur, é então, sobretudo, ao constituir-se, fundamentalmente, como uma hermenêutica que a Psicanálise de Freud encontra sua mais alta relevância. Ponto bastante problemático, esse.

Em sentido geral, a concepção ricoeuriana da Psicanálise de Freud como uma hermenêutica é frequentemente acusada de priorizar a dimensão do sentido, ignorando assim, ou mesmo dispensando, indiscriminadamente, o naturalismo freudiano.

Ora, a ênfase dada por Ricoeur ao caráter hermenêutico da Psicanálise conduz, necessariamente, a uma priorização do sentido em relação aos aspectos mais naturalistas da teoria freudiana? Nada há que indique isso; aliás, ao contrário, a tese do “discurso misto” comprova, de maneira explícita, que o filósofo mantém com radicalidade o naturalismo freudiano, afinal, trata-se aí, justamente, da concepção do discurso freudiano compreendido, ao mesmo tempo, como discurso hermenêutico e discurso energético; ou seja, a própria noção de “misto” ajuda, exatamente, a dar conta da coexistência desses dois regimes do discurso de Freud.

Mas como explicar, então, que para Ricoeur, a Psicanálise encontra sua maior relevância no caráter hermenêutico de seu discurso, sem que isso nos leve a concluir certa primazia do regime do sentido em relação ao regime da força?

Esse problema se resolve quando nos lembramos da origem da tese do “discurso misto”. É, justamente, a natureza dialética dessa tese que garante aqui, que a concepção hermenêutica da Psicanálise não signifique, necessariamente, uma concepção não energética do discurso freudiano; isto é, afirmar o caráter hermenêutico do discurso de Freud, no caso da interpretação ricoeuriana, é também afirmar o seu caráter energético. Afinal, entre outras coisas, não é este o grande milagre de qualquer dialética: possibilitar o movimento na identidade?

Em tese, no caso da interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur, resumiríamos assim: porque é dialético, o discurso freudiano é misto; porque é misto, o discurso freudiano é na exata mesma medida, hermenêutico e energético.

Mas há aqui, em toda essa discussão, uma questão de fundo que não pode passar sem a devida atenção. A esta altura, todos nós já percebemos que, ao tomar a Psicanálise de Freud como, propriamente, uma hermenêutica, o que Ricoeur faz, ao mesmo tempo, é nos fornecer uma nova concepção de hermenêutica. Talvez seja este importante detalhe que escape, com frequência, à crítica à concepção hermenêutica ricoeuriana da Psicanálise de Freud.

É um equívoco comprometedor compreender o discurso hermenêutico de Freud, tal como Ricoeur o concebeu, somente a partir da concepção hermenêutica tradicional. É preciso ter clareza de que a hermenêutica ricoeuriana do discurso psicanalítico se diferencia da hermenêutica clássica, notadamente, porque ela traz consigo, por força dialética, o regime da energia, da força, do naturalismo; elementos que são completamente estranhos a toda hermenêutica tradicional, elementos que a hermenêutica clássica delega, exclusivamente, às ditas “ciências da natureza”.

Em última análise, se podemos propor um termo próprio para designar, precisamente, essa nova concepção de hermenêutica empreendida por Ricoeur a partir da interpretação filosófica que ele faz de Freud, tratar-se-ia do que poderíamos chamar aqui, justificadamente, de uma hermenêutica energética.

Muito provavelmente, a não ser, talvez, a sua simples grafia, nada há de novidade nesse termo; entendemos que a admissão da energética na hermenêutica ricoeuriana da Psicanálise é, justamente, o que Ricoeur chamou de “hermenêutica da suspeita”. Em uma palavra, para nós, em Ricoeur, a suspeita estaria para a hermenêutica, assim como, em Freud, a energética estaria para o sentido.

Considerações finais

Se, neste ponto, pudéssemos fazer um breve resumo, em termos objetivos, concluiríamos que, o que se viu foi que a tese da “dialética do discurso freudiano” conduziu Ricoeur à tese do “discurso misto do freudismo” que, por sua vez, o conduziu a uma “nova concepção de hermenêutica”.

Nesse contexto, a questão central da interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur pode ter consistido, então, em responder como Freud conseguiu constituir o discurso psicanalítico sem negar-lhe a energética que lhe é própria, o regime da força; e, ao mesmo tempo, afirmar a sua hermenêutica, o regime do sentido. Exatamente daí, teria decorrido a concepção dialética do discurso freudiano que levaria Ricoeur à tese do “discurso misto” do freudismo que, por sua vez, reservaria, em Ricoeur, uma “nova concepção de hermenêutica”.

Em termos interrogativos, nos perguntamos com Ricoeur: Como compreender, afinal, um discurso que se constitui e se desenvolve a partir do regime da força e do sentido ao mesmo tempo? Como conceber um discurso atravessado por uma energética sem que isso signifique a inexistência, nele, de uma hermenêutica? Como compreender a hermenêutica própria do freudismo?

Ora, a resposta de Ricoeur, nós a formulamos assim: tudo isso é possível porque o discurso freudiano opera “dialeticamente” uma energética e uma hermenêutica estabelecendo, a partir daí, força e sentido como constituintes de um “discurso misto” cuja consequência mais imediata, não é outra coisa, senão, uma “nova concepção de hermenêutica”.

Nos termos aqui estabelecidos, em última análise, sobre a interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur, diríamos, em suma: trata-se da admissão, em Freud, de um discurso movido à “dialética” entre energética e hermenêutica: “discurso misto”, portanto; que, por sua vez, leva a uma “nova concepção de hermenêutica”: uma “hermenêutica energética”, em nossos próprios termos; ou, nos termos do próprio Ricoeur: uma “hermenêutica da suspeita”.

REFERÊNCIAS

BUSACCHI, Vinicio. O desejo, a identidade, o outro – a psicanálise em Paul Ricoeur depois do ensaio sobre Freud. In: RICOEUR, P. **Escritos e conferências I – em torno da psicanálise**. São Paulo: Loyola, 2010. (posfácio, p. 233-243).

MEZAN, Renato. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

MONZANI, Luiz Roberto. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas. In: PRADO JR., Bento (Org.). **Filosofia da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 108-138.

RICOEUR, Paul. **Philosophie de la volonté I: le volontaire et le involontaire**. Paris: Aubier, 1950.

RICOEUR, Paul. **De l'interprétation - essai sur Freud**. Paris: Ed. du Seuil, 1965.

RICOEUR, Paul. **Le conflit des interprétations - essais d'herméneutique**. Paris: Ed. du Seuil, 1969.

RICOEUR, Paul. **Da interpretação – ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações – ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.